

ÍNDICE

1. Introdução.....	11
2. Castelos: Guardiões de Memórias.....	12
3. Em Torno dos Conceitos de Lenda e Mito	15
3.1 - A Lenda.....	15
3.2 - O Mito	16
4. Conclusão.....	18

I.

CASTELOS DOS DISTRITOS DE VIANA DO CASTELO, BRAGA E VILA REAL

1. O Castelo de Melgaço e a Lenda de Inês Negra.....	21
2. Lenda do Castelo de Monção	23
3. Lenda da Torre de Lapela	25
4. Lenda do Castelo de Lindoso.....	27
5. Lenda do Castelo de Faria.....	29
6. Lenda do Castelo de Póvoa de Lanhoso	31
7. Honra e Lealdade no Castelo de Guimarães.....	33
8. Lenda do Castelo de Arnóia.....	37
9. As Mouras do Castelo de Montalegre.....	39
10. Lenda do Castelo de Chaves.....	41
11. O Monstro do Castelo de Monforte.....	43
12. Lenda do Castelo de Aguiar.....	46

II.

CASTELOS DOS DISTRITOS DE
BRAGANÇA, VISEU, PORTO E AVEIRO

13. A Lenda do Cerco do Castelo de Vinhais	51
14. Lenda do Castelo de Bragança.....	53
15. Lenda do Castelo de Rebordãos	55
16. O Bruxo do Castelo de Algosó.....	57
17. O Castelo de Miranda e o Menino Jesus da Cartolinha	59
18. O Castelo de Mogadouro e o Marquês de Távora	61
19. Lenda de Torre de Moncorvo.....	64
20. A Moura que Fugiu do Castelo de Ansiães.....	66
21. [A Fuga de Ardínia do Castelo de Lamego].....	68
22. Lenda do Castelo de Sernancelhe.....	70
23. Lenda do Castelo de Penedono	72
24. Lenda da Torre de Pedro Sem	76
25. Os Mistérios do Castelo de Santa Maria da Feira	78

III.

CASTELOS DOS DISTRITOS DE
COIMBRA E GUARDA

26. Lenda do Castelo de Montemor-o-Velho	83
27. Lenda do Castelo de Penela.....	86
28. Lenda do Castelo de Lousã.....	88
29. Lenda de Maria Alva [Castelo de Marialva].....	90
30. O Pão da Vitória - A Lenda de Castelo Rodrigo	92
31. Lenda do Castelo de Trancoso	94
32. Lenda de João Tição [Castelo de Trancoso].....	96
33. Lenda do Terrível Alcaide do Castelo de Pinhel	98
34. Lenda do Castelo de Celorico da Beira.....	100
35. Lenda do Castelo de Linhares	102
36. Lenda do Castelo da Guarda.....	106
37. Lenda do Castelo de Sortelha	108
38. Lenda do Castelo de Sabugal.....	110

IV.

CASTELOS DOS DISTRITOS DE
CASTELO BRANCO E PORTALEGRE

39. Lenda do Castelo de Monsanto	117
40. O Decepado do Castelo de Penha Garcia.....	120
41. Lenda do Castelo da Sertã.....	122
42. [Lenda do Rei Wamba e do Castelo de Ródão].....	124
43. A Lenda do Rei “Cruel” em Alter do Chão	126
44. Lenda da Moura Encantada Detrás do Castelo [de Amieira] ...	128
45. Lenda do Castelo de Alegrete.....	132
46. O Mistério das Relíquias do Castelo de Belver	134
47. Lenda do Castelo de Nisa	136
48. Lenda do Ataque dos Mouros a Marvão	138
49. Lenda do Castelo de Campo Maior	140
50. Lenda do Castelo de Elvas	142

V.

CASTELOS DOS DISTRITOS DE
LEIRIA E LISBOA

51. Lenda do Castelo de Pombal.....	149
52. Lenda do Castelo de Leiria.....	151
53. Lenda do Castelo de Ourém	154
54. Lenda do Castelo de Alcobaça.....	156
55. Lenda do Castelo de Porto de Mós.....	158
56. Lenda do Castelo de Óbidos.....	160
57. Lenda do Castelo de Torres Vedras	162
58. O Alcaide Sem Palavra do Castelo de Alenquer.....	164
59. A Lenda do Tesouro de D. Sebastião [Castelo de Pirescoxe] ...	166
60. O Mestre de Avis “Travado” Por um Sinal do Céu [Castelo de Sintra]	168
61. Lenda do Castelo de São Jorge	170

VI.

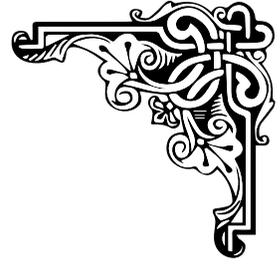
CASTELOS DOS DISTRITOS DE
SANTARÉM E ÉVORA

62. Lenda do Castelo de Tomar.....	175
63. Lenda do Castelo de Torres Novas.....	178
64. Lenda do Castelo de Almourol.....	180
65. Lenda do Rei Justiceiro em Abrantes.....	182
66. Lenda do Castelo de Santarém.....	184
67. Lenda do Castelo de Portel.....	186
68. A Morte da Rainha no Castelo de Estremoz.....	188
69. Giraldo Sem Pavor e a Tomada do Castelo de Évora.....	190
70. Lenda do Castelo de Monsaraz.....	192
71. Lenda do Castelo de Juromenha.....	194
72. A Lenda da Bruxa do Castelo de Vila Viçosa.....	196

VII.

CASTELOS DOS DISTRITOS DE
SETÚBAL, BEJA E FARO

73. Lenda do Castelo de Sesimbra.....	201
74. Lenda do Castelo de Alcácer do Sal.....	203
75. A Misteriosa Serpente do Castelo de Noudar.....	206
76. O Castelo de Moura e a Morte de Salúquia.....	208
77. Lenda do Castelo de Aljezur.....	210
78. A Lenda da Tomada do Castelo de Silves.....	212
79. [As Mouras do Castelo de Paderne].....	214
80. Lenda do Castelo de Loulé.....	216
81. Lenda do Castelo de Faro.....	218
82. [O Monstro e a Moura do Castelo de Castro Marim].....	220
83. Lenda do Castelo de Tavira.....	222
Bibliografia Geral.....	225
Créditos das Fotos.....	233



I.

INTRODUÇÃO

Um território não é apenas um espaço físico, mas também um espaço semiotizado pela memória colectiva dos povos. O território conserva, por isso, na materialidade das suas paisagens culturais e naturais, um repositório significativo de referentes intergeracionais que fazem rico o património cultural, material e imaterial, das comunidades. Inserem-se neste contexto os Castelos de Portugal, verdadeiras pérolas a decorar as nossas paisagens e também repositórios da memória colectiva das comunidades que se projeta tanto na historiografia como no universo lendário que os envolve. Contudo, grande parte das lendas dos castelos está ainda por descobrir, não só por escassearem nos dias de hoje os narradores activos da memória enquanto fontes primárias, mas também por os seus registos bibliográficos se encontrarem em documentos ignorados ou esquecidos dos séculos XIV ao XIX.

Um importante desafio para as sociedades modernas é hoje potenciar este domínio como oferta de turismo cultural e permitir que o mesmo constitua um forte estímulo para as comunidades, transformando os bens respectivos em factor activo de auto-estima e afirmação da sua identidade cultural. Tal desafio ocupa, de resto, as grandes preocupações da UNESCO, para quem o reconhecimento da relevância da herança patrimonial dos povos impõe a necessidade urgente de resgatar, classificar, preservar e dinamizar os bens



culturais, materiais e imateriais, que lhes respeitam.¹ Neste quadro, a presente obra propõe-se apresentar um resgate significativo das lendas dos castelos de Portugal, do norte ao sul do país, realizado através de um trabalho de cariz histórico e etnográfico com base em fontes credíveis, valorizando igualmente a componente icónica dos monumentos com a inclusão de sugestivas imagens. A pesquisa tem assim por base fontes bibliográficas ancestrais e fontes primárias em narradores activos, cumprindo as metodologias em vigor na comunidade científica e académica, o que passa, desde logo, por uma atitude crítica em relação aos impulsos romanceadores de muitas narrações conhecidas.²

2.

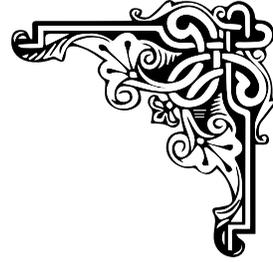
CASTELOS: GUARDIÕES DE MEMÓRIAS

Situados em locais elevados, e ainda que desfigurados nas suas ruínas, os castelos lá continuam a desafiar os horizontes, não só os horizontes da paisagem, mas também os horizontes da História. Na paisagem, impõem-se pela beleza da sua arquitectura;

¹ Cf.: *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural* (1972); *Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico* (1992, revista em 1997); *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial* (2003).

² A tentação de romancear as lendas a que alguns autores não resistem (estimulados pelo sucesso fácil das edições...) tem-nos merecido muitos reparos. Fantasiar o conteúdo das lendas, moldando cenários ou ajustando os enredos, por mais bela que resulte a versão obtida, é sempre um acto subversivo anti-cultural. Antropologicamente, a versão obtida não só não vale nada como pode ser extremamente negativa quando se tenta realizar sobre ela estudos de qualquer natureza. Temos defendido que o texto de uma lenda é uma espécie de foral, atribuído pela cosmogonia a uma comunidade, e assim, tal como não se pode alterar um foral (quando muito poder-se-á publicá-lo intacto, ou então traduzi-lo e interpretá-lo...) o mesmo cuidado há que ter com alguns dos textos mais ancestrais da tradição oral que compõem o nosso património imaterial.





29.

LENDA DE MARIA ALVA [CASTELO DE MARIALVA]

«Já ouvia contar aos meus pais e aos meus avós esta história que se passou no Castelo de Marialva.

Vivia lá Maria Alva, que era muito bonita, e todos gostavam de a ver, em especial os rapazes quando ela passava. Só que ela usava uma saia muito rodada e muito comprida que lhe cobria os pés. Por isso, não havia ninguém que fosse capaz de lhe ver os pés. Toda a gente estava ansiosa por lhos ver, mas não havia meios para lhos verem.

Então uma senhora do povo, incomodada por os homens estarem a olhar tanto para ela por ser tão bonita, do que é que se havia de lembrar? Deitou um bocado de farinha no lugar onde ela costumava passar ao sair do castelo. Mas era um bom bocado de farinha, a pontos de se lhe conhecer o rasto. E assim foi. A mulher lá deitou a farinha em abundância. E quando Maria Alva saiu, foram logo lá ver como afinal eram os pés dela. E viram então que o rasto que deixava não era o de uma pessoa normal, era de cabra. Vai daí, a mulher que lhe tinha botado a farinha, disse em voz alta para que todos ouvissem:

- Ai, Maria Alva, Maria Alva, tão bonita mas com os pés de cabra!

E Maria Alva, ao ver-se descoberta, teve um desgosto tal que se matou, atirando-se do castelo abaixo.»³⁰

³⁰ Outras versões da lenda falam de um atrevido sapateiro que lhe quis tirar as medidas dos pés, o que o levou a descobrir que eram de cabra, após o que a



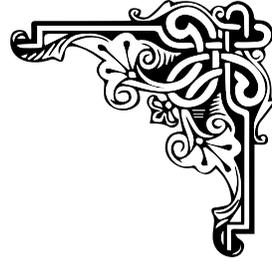


Narrada pela professora Cacilda Matias Maia Marques, tal como a ouviu, em 2004, a Ilídio Augusto Neto, 76 anos, de Tomadiaz, Vila N. Foz Coa.



jovem se matou. E fugindo um pouco a este enredo, também Adriano Vasco Rodrigues conta que «Em Marialva e em Casteição vivem dois encantados: em Marialva uma mourinha muito bonita e em Casteição um mouro muito negro. Ele está apaixonado por ela, mas ambos andam presos ao seu destino e ninguém conhece a chave para lhes cortar o encanto (...). Na madrugada de S. João, já os têm ouvido. Ele grita lá do alto de Casteição: Ó moura, mourinha de Marialva, / cara bonita, pernas de *galga!*. E ela responde: Ó mouro, mourão de Casteição, / cara farrusca, pernas de *cão!*. E ficam assim toda a noite.» (1983: p. 325)





56.

LENDA DO CASTELO DE ÓBIDOS

Quando D. Afonso Henriques, após conquistar Lisboa e Santarém aos mouros, se decidiu pela conquista de Óbidos, sabia que não iria ser tarefa fácil. O Castelo de Óbidos estava bem protegido de homens e armas.

O cerco ao castelo durou meses, e sinais de rendição dos mouros, nenhuns. Até que um dos comandantes que acompanhava o rei preparou e propôs a D. Afonso um estratagema ardiloso. Era ele Gonçalo Mendes da Maia, o célebre “Lidador”.

Enquanto o rei com as suas hostes atacava a descoberto pela frente, chamando a si a atenção dos mouros, o “Lidador” com um grupo de guerreiros rastejou à socapa por entre tufos de ginjeiras e arbustos do monte, aproximando-se de uma porta escusa, que alguém, atraído pelos mouros, deixara entreaberta. Entraram assim, de surpresa, no castelo, atacando à traição os ocupantes, o que permitiu a D. Afonso tomar em definitivo a fortaleza. Tal porta ficou por isso com o nome de Porta da Traição.

Vencidos os mouros, passados muitos anos alteraram-se as frentes de combate. O Castelo de Óbidos, cujo alcaide era fiel ao rei D. Sancho II, voltou a ser cercado, agora pelo conde de Bolonha, irmão do rei, quando se propunha retirar-lhe as rédeas do reino. Também agora os ocupantes do castelo resistiram meses e meses, e só no limite se renderam. Até os sitiadores estranharam tal capacidade de resistência, pois eles próprios só conseguiram resistir





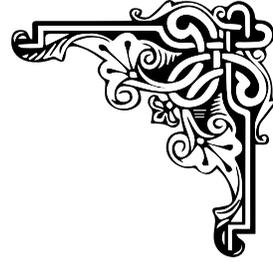
graças aos alimentos e vinho que recebiam dos clérigos e monges do Mosteiro de Alcobaça, partidários do conde de Bolonha.⁵³

FONTES CONSULTADAS: BRANDÃO, António - *Monarquia Lusytana*, livro IV, 1632, pp. 162-163; PIMENTEL, Alberto - *A Extremadura Portuguesa*, 2^a parte, Empreza da História de Portugal, 1907, pp. 344-345.



⁵³ A singular capacidade de resistência dos ocupantes do castelo, aquando dos cercos prolongados, não é alheia a uma velha crença sobre a existência, nos seus subterrâneos, de uma galeria que conduz a terrenos agrícolas vizinhos, o que permitia que, fora da vista dos inimigos, eles se abastecessem de produtos agrícolas no exterior. Esta também a razão, como nos transmitiu o etnólogo José Rabaça Gaspar, por que os habitantes de Óbidos, noutros tempos, fossem alcunhados de “touveiros”.





60.

O MESTRE DE AVIS “TRAVADO” POR UM SINAL DO CÉU [CASTELO DE SINTRA]

Após o levantamento do Cerco de Lisboa, que ocorreu a 3 de Setembro de 1384, D. João, Mestre de Avis, decide tomar posse das localidades dos arredores, receando que os castelhanos, que aí continuavam a ter adeptos, se organizassem para cair de novo sobre a capital.

Uma dessas localidades era Sintra, cujo alcaide do castelo, D. Henrique Manuel de Vilhena, após a morte do rei português D. Fernando, prestou lealdade à viúva, Dona Leonor, e, por consequência, ao rei de Castela, seu genro. O mestre decidiu então avançar em segredo, aproveitando a noite, para não despertar atenções por onde passava. Escolheu alguns dos homens mais valentes que tinha, e partiu, sem que qualquer deles fosse sequer sabedor da missão. O que pretendia era apanhar o alcaide de surpresa. E a confiança que os soldados tinham no seu líder era tal, que não questionavam o que quer que fosse.

Como os cavalos haviam perecido no cerco de Lisboa, iam todos a pé, de passo lento, como pedia o segredo e a necessidade. E quando já estavam a chegar a Sintra, eis que do céu chega um sinal que o mestre entendeu como mensagem reprovadora da sua missão. Caiu, de repente, sobre o exército um violento temporal com fortes relâmpagos e trovões à sua beira, que os deixou aterrorizados e desorientados.

Embora estivessem já perto do castelo, o mestre não avançou. Reconheceu que “não era da vontade de Deus” que seguisse aquela empresa, e assim, cedendo a um superior impulso, voltou para trás.

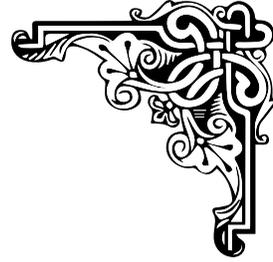


Conta-se que a tempestade só parou quando já estavam de novo todos em Lisboa. A tomada do Castelo de Sintra ficou para depois.⁵⁶

FONTES CONSULTADAS: SYLVA, Joseph Soares da - *Memorias para a Historia de Portugal que compreendem o governo del rey D. João I*, Tomo III, Lisboa, 1732, pp. 1151-1153; DENIS, M. Fernando - *Portugal Pitoresco*, vol. IV, Lisboa, 1847, p. 126; *Archivo Historico*, n.º 1, 1.ª série, Lisboa, 1889, p. 304.

⁵⁶ Conhecido como “Castelo dos Mouros”, ergue-se no cume da serra de Sintra, onde beneficia de uma localização estratégica outrora invejável em termos militares. Diz a lenda que, no tempo da Reconquista aos mouros, se formou um exército de vinte corajosos cavaleiros que teve a ousadia de avançar sobre o Castelo de Sintra. Eram poucos porém, em face das ameaças que ao longo do percurso foram percebendo. Num dos momentos de maior receio, conta-se que Nossa Senhora apareceu dizendo: “*Não tenhais medo, ides vinte, mas mil ides?*”. Com esta visão, ganharam coragem e conquistaram o castelo. Em consagração do feito, e da ingénua associação às palavras ouvidas, foi erguida no local uma capela que tem o nome de Nossa Senhora de Melides. (cf, entre outros, CUNHA, António A.R. da - *Cintra Pintoresca*, Lisboa, Empresa da Historia de Portugal, 1905, pp. 155-156).





61.

LENDA DO CASTELO DE SÃO JORGE

A quando das lutas fernandinas, com os castelos portugueses divididos, uns fiéis a Castela, outros a Portugal e ao Mestre de Avis, era alcaide-mor do Castelo de São Jorge, em Lisboa, Martim Afonso Valente, um dos que havia prestado homenagem à rainha D. Leonor e, por via dela, aos interesses castelhanos.

Com o acender das lutas, alguns nobres fiéis a Castela refugiaram-se com o alcaide no castelo, dispostos a defendê-lo em nome da rainha. De imediato, porém, na voz pública, e com o intuito de incendiar os ânimos, alguém correu a gritar:

- Traição! Traição! Acorrei ao Mestre que o querem matar!

O povo juntou-se numa abrir e fechar de olhos e correu ao castelo com todas as armas de que dispunha. O Mestre de Avis estava a salvo. Mas nem assim o povo arredou pé. Cercou o castelo e exigiu a sua entrega ao Mestre de Avis.

Porém, o seu alcaide e os nobres que ali se refugiaram com as famílias recusavam-se a tal, justificando-se com a lealdade que deviam à rainha. O Mestre, que entretanto se a havia juntado aos populares, mandou fazer um engenho de madeira a que chamam “gata”, que permitiria chegar ao cimo do castelo, fazendo constar que, se não se entregassem, ali seriam colocados as mulheres e os filhos dos ocupantes e os queimavam e apedrejavam.

Instalou-se então o pavor entre os sitiados. Um emissário correu a Alenquer a pedir socorro à rainha, que ali se refugiara. Em





vão. Um dos seus acompanhantes não hesitou, sequer, em acusar de medrosos os do castelo, lembrando o conto da raposa ao pé da árvore a ameaçar com o rabo o corvo que estava em cima com um queijo no bico, a ver se lho conseguia roubar.

Por fim, os ocupantes do castelo, com medo da ameaça dos sitiadores ou desiludidos com a indiferença da rainha, entregaram o castelo sem mais obstáculos.

Conta-se que as gentes do povo, ainda desconfiadas de que os castelhanos viessem tentar recuperar o castelo, distribuíram-se, durante a noite, pelos montes à volta, mantendo vigilância com candeias acesas, para se assegurarem de que nenhum exército inimigo se aproximaria do castelo.⁵⁷

⁵⁷ Muitos outros registos histórico-lendários, a História de Portugal associa ao Castelo de São Jorge, servindo um deles para justificar o topónimo “Porta do Moniz” ou “Porta de Martim Moniz”, hoje um dos emblemas do velho castelo, cuja designação nos remete para o cerco de Lisboa por D. Afonso Henriques. Aqui transcrevemos a Lenda de Martim Moniz, publicada na *Monarchia Lusitana*, em 1632: «Durante o combate, seis horas contínuas, em que se pelejou com fúria desusada, morreu Martim Moniz à entrada da porta que conserva o seu nome, parte mais arriscada por onde os portugueses

